



STEFANIA CHIARELLI

## **“Estamos inexoravelmente impregnados pelos textos que lemos”**

Stefania Chiarelli tem se dedicado há alguns anos à ficção brasileira, principalmente. Mas para não cometer um provincianismo tardio, aponta como positivo o diálogo existente entre as letras estrangeiras e as made in Brazil, o que, em seu trabalho, se verifica pela publicação de livros sobre o amazonense Milton Hatoum e sobre o italiano Italo Calvino, fato raro entre os intelectuais universitários, atualmente recolhidos às suas especializações.

Não parece ser à toa que ela, professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense, é tão afeita à pesquisa sobre a literatura que trata da migração. O que, de forma inovadora, não faz com pressupostos meramente descritivos ou com a dureza impessoal dos textos analíticos: a crítica de Stefania dá espaço à subjetividade de uma voz que parece também se procurar entre tantos desterrados.

Nessa entrevista, concedida a **Marcos Pasche**, a professora fala a respeito de diferenças culturais, alteridade, pluralidade artística, e ressalta, também de forma original, a importância do crítico como aquele que estabelece o ponto de ligação entre o pensamento acadêmico e o público em geral.

*É quase uma regra analisar a literatura contemporânea identificando nela a diversidade estética. Os autores atuais sempre procuram desvencilhar as obras que compõem de estilos, grupos e movimentos.*

*Tal ideia de diversidade é procedente? Até que ponto ela é factual e a partir de que ela é relativa?*

Acho procedente. A ficção que se produz a partir dos anos 70 no Brasil surge marcada pela multiplicidade de temas e situações, dicções e caminhos pessoais: um caleidoscópio de opções temáticas e soluções estilísticas. Eu destacaria as vertentes da violência urbana, a retomada de gêneros – como o romance policial, o romance histórico, as autobiografias –, ao lado de uma escrita intimista.

*O Modernismo deu à nossa literatura talvez o seu século mais rico, artisticamente falando. Comparando a literatura hodierna à modernista, é possível falar que houve uma baixa ou uma alta qualitativa, ou essa comparação é vã?*

Tivemos um amplo movimento de pesquisa e exploração das potencialidades da linguagem a partir da proposta modernista. Hoje, certa visão romântica e purista – de uma arte desinteressada que busca incessantemente o choque – se rarefaz. “A massa ainda há de comer o biscoito fino que eu fabrico”, afirmou Oswald de Andrade em mais uma metáfora antropofágica. As perguntas que ficam: o mercado corrompe? A arte é contaminada? Como tirar proveito dessa instância? Percebemos que esse contato pode ser bem-vindo. Unem-se dois pólos que, no Modernismo, tendiam a se repelir: a dita literatura “séria” e a de entretenimento; o que resulta em uma estética híbrida. O leitor pode fruir uma obra de diversas maneiras, dependendo de como desvenda o repertório e as referências presentes em uma narrativa.

*Ainda sobre o Modernismo, uma de suas principais diretrizes foi emancipar a literatura brasileira das convenções internacionais. Você, que também pesquisa literatura externa, acredita que nossa produção atual seja completamente imune à produção estrangeira?*

De modo algum. Seria ingenuidade, até provincianismo pensar assim. Mais do que nunca, esse diálogo existe e se fomenta.

*É possível falar em “literatura contemporânea” por uma perspectiva estética? E, em termos cronológicos, há um princípio do que hoje rotulamos como atual?*

Não vejo pelo aspecto geracional, que a rigor não define nada. Quanto aos autores surgidos ou consolidados no século XXI, pode-se observar que se trata de uma geração muito vinculada às novas tecnologias, como a ferramenta da internet ou mesmo a experiência dos blogs, cuja produção auxilia escritores a circular a informação de modo ágil.

*No texto “A biblioteca de Hatoum: leituras e mediações”, do livro Alguma prosa, você diz concordar com Ricardo Piglia em relação à ideia de que o crítico busca no seu objeto de pesquisa fatores, perguntas e respostas do seu próprio eu. Isso é inerente à crítica contemporânea do Brasil?*

Ricardo Piglia defende a ideia de que todo crítico, ao se debruçar sobre seus objetos de pesquisa, narra igualmente experiências e percursos literários próprios. Esse tema é recorrente na literatura: a ideia de que todo autor incorpora determinadas leituras e dialoga com seus predecessores, configurando uma espécie de Biblioteca

de Babel borgiana. Estamos inexoravelmente impregnados pelos textos que lemos, e desse repertório nascem nossas inquietações teóricas. Isso não equivale a buscar uma resposta psicologizante ou uma espécie de autoajuda – no que se refere à pesquisa de cada um –, mas sim a estabelecer o quanto a obsessão por um certo tema interfere em nossas escolhas. Por que preciso pesquisar esse assunto? Por que este, e não outro, me inquieta?

*Em Vidas em trânsito você analisa a literatura do deslocamento fazendo muitas referências à alteridade, tema muito estudado pelas ciências humanas, sobretudo por vivermos numa sociedade em que há muitos discursos voltados para o respeito às diferenças, sem que eles se efetivem necessariamente na prática. Numa época em que jovens queimam índios, espancam prostitutas e homossexuais nos centros urbanos e os Estados Unidos esmagam países como o Afeganistão e o Iraque, de que maneira a literatura pode contribuir para o debate sobre a alteridade? Ainda há espaço para questões políticas nas narrativas ficcionais?*

Em meu estudo, privilegio o estudo de Samuel Rawet e Milton Hatoum, no que se refere ao tópico do transplante cultural e do trânsito entre culturas e idiomas. Procurei refletir a respeito dessas identidades atravessadas por inúmeras referências culturais, evitando a questão fundamentalista, de identidades essencializadas. A reflexão sobre o tema do imigrante é vital nas circunstâncias em que explodem em todos os cantos do planeta demonstrações de intolerância. O acirramento das identidades, nacionalismos exacerbados e radicalismos fundamentalistas servem de combustível para acender a fagulha de tantos confrontos em que religião e ideologia se encontram misturadas, dando origem a um perigoso

coquetel. Como você aponta muito apropriadamente, vivemos num momento em que se presta contínuo tributo à ideia da diferença na literatura, na defesa legítima do espaço das ditas minorias. Cresce, por outro lado, a dificuldade de se lidar com a questão na prática, o que pode ser constatado através do aumento da intolerância racial, da xenofobia e do conflito armado em todo o mundo. Minha leitura encerra também um gesto intelectual de aproximar dois autores que historicamente se encontram em situações antípodas: a leitura conjunta de Samuel Rawet, um escritor judeu, e Milton Hatoum, descendente de árabes, enseja a possibilidade de promover o diálogo entre autores pertencentes a posições históricas muitas vezes impossíveis de se verem aproximadas em uma perspectiva contemporânea. Penso que há sim espaço para questões políticas nas narrativas ficcionais: autores como Luiz Ruffato, no livro *Eles eram muitos cavalos*, demonstram que se pode ter um projeto literário que envolva a discussão política sem ser panfletário.

*Hoje muitos artistas se apresentam como “multimídia”, por cruzarem variadas vertentes de expressão. Que mídias e que outros ramos artísticos mais contaminam a literatura atualmente?*

A literatura dialoga intensamente com o cinema, uma vez que a cultura da imagem acaba por ser determinante em nossa sociedade – uma “alfabetização pela imagem”, como afirma a crítica argentina Beatriz Sarlo. Sérgio Sant’Anna, por exemplo, é conhecido pela investigação sobre a linguagem literária e as possíveis relações com outras formas estéticas, como a música e as artes plásticas; enquanto escritores como Marçal Aquino e Paulo Lins dialogam com uma estética cinematográfica.

*Como avalia a produção brasileira contemporânea? Que autores julga mais expressivos?*

Destacaria a prosa de Adriana Lisboa, Bernardo Carvalho, Milton Hatoum, Luiz Ruffato, além dos contos de Adriana Lunardi, Rubens Figueiredo, João Gilberto Noll, Ronaldo Correia de Brito – não necessariamente todos escrevendo neste início de século, mas no final dos anos 90 e agora também.

*Tanto a literatura quanto a crítica possuem um papel a ser cumprido?*

Acredito que a boa crítica pode balizar algumas questões para o chamado “leitor comum”, além de professores, escritores e pessoas interessadas em literatura, o que, sabidamente, conforma um pequeno número de indivíduos. Comparando com países de maior tradição literária, nosso espaço é muito reduzido, o número de publicações é pequeno e o de informação idem. Por isso mesmo, torna-se necessário esse esforço de produzir reflexão. Acredito no papel do crítico que opera a mediação entre uma escrita acadêmica, que visa ao público especializado, e aquela que busca o diálogo com o grande público. Produzir reflexão teórica de qualidade, acessível, livre do excesso de jargão especializado, representa um desafio saudável e necessário tanto para o professor quanto para o crítico literário.